

Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Educação  
Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas  
Habilitação: Línguas, Artes e Literaturas

Jocelma Lopes da Mota

## **INFÂNCIA E BRINCADEIRAS XAKRIABÁ**

Projeto de percurso acadêmico apresentado ao Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Faculdade de Educação da UFMG como requisito parcial para obtenção da Licenciatura em Línguas, Artes e Literaturas.

Orientador: Marco Scarassatti

Belo Horizonte

2024

## UM POEMA PARA COMEÇAR

Bom dia a todos e todas (boa tarde)  
Primeiramente quero aqui agradecer  
Aos encantados e a Waptokwa Zawre  
Por mais este dia nos conceder  
Um dia de aprendizado  
Para todos neste momento  
Compartilhando seus saberes  
E abrangendo os conhecimentos.

Em algumas poucas palavras  
Agora então quero falar  
Um pouco de quem eu sou  
E o que gosto de admirar  
Coisas simples para mim  
Têm um valor especial  
Nos faz crescer como ser humano  
E no saber tradicional.

No amanhecer do dia  
Ouço os pássaros cantar  
As coisas mais belas da vida  
Faço questão de apreciar  
O amanhecer, o entardecer  
E ver a noite chegar  
E na beira de uma fogueira  
No clarão da lua cheia  
Com minha família me assentar.

Senti uma saudade  
E me veio no pensar  
De ouvir no fim de tarde  
O cantar do sabiá  
Tomar café com leite  
De manhã ao levantar  
E bem cedinho ver meu pai  
Suas vacas ordenhar.

Aquele cheiro de terra molhada  
A nossa casa invadir  
Ver passear na natureza  
A cutia e juriti  
Sentir sobre o telhado

A chuva forte a cair  
Fechar os olhos e pensar  
Nessa bela vida até dormir.

O tempo pode passar  
Lembranças ficam pra vida inteira  
De quando corria para o quintal  
tomar banho na biqueira  
Saudades desses momentos  
De um tempo que se foi  
Ver meu pai chegar da roça  
Com seu velho carro de boi.

De manhã bem cedinho  
Lembro bem como que é  
Do lado do fogão a lenha  
Mamãe já estava de pé  
Preparando um beijuzinho  
E coando o café.

É triste saber que isso  
Já não existe mais  
Sentir a natureza  
Ouvir o som dos animais  
Esse tempo deixou saudades  
E trouxe muita alegria  
Isso é um pouco da realidade  
De como antes se vivia.

Se pudesse voltar no tempo  
Aproveitaria muito mais  
Preservava a natureza  
Cuidava dos animais  
Mantinha o que tínhamos  
Em riquezas naturais.

É triste que esse tempo  
Não mais há de voltar  
Ouvir o som da chuva  
E o cantar do sabiá.

Saudades daquele tempo

Que não era muito chique  
O fogão feito de barro  
Casinha de pau a pique  
Tomava água da chuva  
Que caía da biqueira  
Uma gamela era o prato  
E a muringa a geladeira.

Palavras de uma cabocla  
Que traz no peito muita dor  
Guardando muitas lembranças  
De um tempo que se passou  
Deixando dentro de nós  
Saudades com muita dor  
Mas ainda levaremos  
sempre em nosso pensar  
A beleza da natureza  
E o cantar do sabiá.

Resumindo a minha vida  
Gosto da simplicidade  
E Guardo no coração  
Momentos de felicidade  
Que eu sei que algum dia  
Esses momentos de alegria  
Serão apenas saudades.

Que ainda em algum momento  
Todos venham a enxergar  
Que as coisas mais valiosas da vida  
Dinheiro não pode comprar  
Sabedoria, companheirismo  
Conhecimento e união  
tudo aquilo que nos fortalece  
e enriquece o nosso coração.

A minha vida é uma longa história  
Só resumi o que venho a apreciar  
Pertenço a um povo guerreiro  
Que nunca deixa de lutar  
Sou indígena, sou resistência  
Sou Jocelma Xakriabá.

## **RESUMO**

Este trabalho procurou fazer o resgate e o registro dos brinquedos e brincadeiras que eram praticadas pelos nossos ancestrais da aldeia Prata e de comunidades vizinhas em seu tempo de infância, registrando suas histórias de vida, com objetivo de fazer também comparações com os brinquedos e brincadeiras das crianças Xakriabás na atualidade, fazendo deste trabalho uma ferramenta de luta e fortalecimento da nossa cultura.

## VERSOS DE AGRADECIMENTO

É até difícil começar a agradecer  
Pois é tanta coisa no coração  
E apenas palavras não expressam  
A minha tamanha gratidão

Então inicio agradecendo primeiramente à Deus  
Por esta oportunidade me conceder  
Por me permitir ter feito parte  
Da família UFMG

Me falta palavras para agradecer a minha família  
Por tanta força e incentivo  
Pois nos momentos de maior dificuldade  
Estiveram sempre comigo

Aos meus pais e meus irmãos  
Eu sou muito agradecida  
Por trilharem este caminho junto comigo  
Nesta jornada da minha vida

Agradeço à minha comunidade  
Onde algumas pessoas entrevistei  
Pois através de seus conhecimentos  
Que este trabalho realizei

Aos meus entrevistados eu agradeço  
Por terem feito parte desta jornada  
Para mim foi de grande importância  
Andarmos juntos nesta caminhada

Sou grata a minha querida mãe Aldina  
Que, todavia, me dizia  
Que se eu tivesse fé e batalhasse  
Tudo eu conseguaria

Ao Sr. Valdemar, o nosso líder  
Deixo meus agradecimentos  
Por estar sempre de frente à luta  
E repassar tantos conhecimentos

Tia Joana que já foi minha professora na infância  
Não posso deixar de falar  
Que é uma grande educadora  
No território Xakriabá

Agradeço aos que não são da minha comunidade  
Mas que se dispuseram a me ajudar  
Suas ricas palavras de conhecimentos  
Eu irei sempre guardar

Gratidão ao nosso Pajé Deda  
Por sempre estar disposto a compartilhar  
o seu conhecimento fortalece

todo o povo Xakriabá

Não sei nem como falar das minhas crianças  
Pois para mim foram de tamanha inspiração  
São guerreirinhos que darão continuidade  
Nas nossas lutas, cultura e tradição

Foi através de nossa convivência  
Que me despertou este pensar  
Em relatar neste trabalho  
A infância e brincadeiras Xakriabá

Com grande orgulho eu agradeço  
E cito o nome de cada um aqui  
Eikon, Lais, Janisson, Nauan  
Waré, Everton, Eike e Yamandi

Também o Thawan  
A Duipré e a Kredy  
O Tperemekwa, Rhaoni, Evillen  
E a pequena Swuarady

Não poderia deixar de fora deste trabalho  
O grande guerreiro Pajé Vicente  
Que apesar de não estar presente em corpo físico  
Posso senti-lo espiritualmente

Não o vemos fisicamente  
Mas sabemos que o senhor aqui está  
Cuidando e fortalecendo  
O seu povo Xakriabá

Ao professor Marco Scarassatti  
Eu tenho muito que agradecer  
Pois foi através de seu auxílio  
Que este desafio eu consegui vencer

O senhor foi um ótimo orientador  
E muito bem me entendia  
Quando eu dizia me expressar melhor  
Através de poesia

Agradeço a Robismar  
Por me ajudar sempre que precisei  
Foi também através de seus conhecimentos  
Que este trabalho finalizei

Obrigado a todos os professores do Fiei  
E também todos os bolsistas  
Vocês foram um grande alicerce e fizeram parte  
Desta minha grande conquista

Agradeço as companheiras de quarto  
Por cada momento e cada risada  
O companheirismo que nos fortaleceu

Nesta nossa linda jornada

Gratidão ao nosso cacique e lideranças  
Por lutarem sem se cansar  
Por também confiarem em mim  
Deste espaço ocupar

Não posso deixar de agradecer e memorizar  
Aqueles que já se ancestralizaram  
Que lutaram pelos nossos direitos  
E muitas conquistas nos deixaram

O seu sangue foi derramado  
Para que tivéssemos liberdade  
E hoje é gratificante ter o povo indígena  
Demarcando as universidades

Agradeço a todos aqueles que me ajudaram  
Direta ou indiretamente  
Eu desejo que Waptokwa Zawre  
Na vida de cada um, esteja sempre presente

## **LISTA DE IMAGENS**

Figura 1 - Jocelma Xakriabá.....	9
Figura 2 - Sr. Valdemar.....	20
Figura 3 - Dona Joana .....	26
Figura 4 - Aldina.....	32
Figura 5 - pajé Deda.....	37
Figura 6 - Eikom.....	43
Figura 7 - Criança brincando de cozinhadinho no quintal de casa. ....	49
Figura 8 - Criança pequena brincando de cavalo de pau.....	50
Figura 9 - Gangorra de madeira.....	51
Figura 10 - Estilingue. ....	52
Figura 11 - Bonecas de pano. ....	53
Figura 12 - Brincando de bois de barro. ....	54
Figura 13 - Retirada de madeira para produção de bodoque.....	55
Figura 14 - Preparação do bodoque. ....	56
Figura 15 - Bodoque pronto. ....	56
Figura 16 - Jogo de malha.....	57
Figura 17 - Corrida do maracá.....	58
Figura 18 - Derruba toco. ....	60
Figura 19 - Cantigas de roda.....	60
Figura 20 - Sinuca que as próprias crianças criaram.....	62
Figura 21 - Contação de histórias ao redor da fogueira.....	63
Figura 22 - Futebol com limão.....	63
Figura 23 - Cabo de guerra. ....	64
Figura 24 - Corrida do pula saco.....	64
Figura 25 - Carrinho.....	65
Figura 26 - Produção do carrinho utilizando rodeiras de sandália. ....	65
Figura 27 - Carrinhos feitos de papelão.....	66
Figura 28 - Bonecos feitos de barro.....	66
Figura 29 - Bonecas tradicionais de sabugo de milho e madeira. ....	66
Figura 30 - Momento de plantio de roça junto com os mais velhos. ....	67
Figura 31 - Arremesso de lança. ....	67
Figura 32 - Fazendinha de abacate. ....	67
Figura 33 - Armando arapuca.....	68
Figura 34 - Preparando bolotas para pilotar.....	68

## SUMÁRIO

MEMORIAL .....	9
NOSSO TERRITÓRIO .....	13
1. INTRODUÇÃO.....	15
2. A INFÂNCIA XAKRIABÁ: AS CRIANÇAS DE ONTEM E DE HOJE CONTAM A HISTÓRIA DE COMO FOI SUA INFÂNCIA .....	19
2.1. Com a palavra seu Valdemar.....	20
2.2. Com a palavra Dona Joana.....	26
2.3. Com a palavra Aldina.....	32
2.4. Com a palavra Pajé Deda.....	37
2.5. Com a palavra Eikon.....	43
3. AS BRINCADEIRAS E BRINQUEDOS XAKRIABÁ.....	49
Brincar de casinha e cozinhado .....	49
Brincar de cavalo de pau .....	50
Brincar de gangorra .....	51
Estilingue .....	51
Boneca de pano .....	52
Boi de barro.....	53
Bodoque .....	55
Jogo de malha.....	57
Corrida do maracá .....	58
Derruba toco.....	59
Cantigas de roda.....	60
Outras brinadeiras.....	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	69
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	71

## **MEMORIAL**

### **Apresentação da autora**

Meu nome é Jocelma Lopes da Mota, tenho 24 anos de idade, nasci no dia 08/05/2000 na cidade de Manga, Minas Gerais. Tenho 5 irmãos e 4 irmãs, sou filha de Antônio Felício da Mota e Aldina Lopes da Mota, sou residente da Aldeia Prata, Terra Indígena Xakriabá, localizada no Norte de Minas Gerais, no município de São João das Missões à margem esquerda do rio São Francisco. Trabalho como educadora, no ensino fundamental e ensino médio em minha comunidade aldeia Prata, na escola estadual indígena Oaytomorim.



Figura 1 - Jocelma Xakriabá.

### **Minha trajetória de vida e escolar**

Minha infância foi uma fase muita boa da minha vida, pois não havia tantos avanços sociais e nem tecnológicos que existem nos dias de hoje, eu brincava bastante com meus irmãos e meus colegas, e tinha bastante contato com a natureza. Meus pais desde sempre nos ensinaram que as coisas mais simples que nos acontecem são as mais felizes e que ficam sempre em nossas memórias, e acredito que isso seja uma grande verdade, pois tenho boas lembranças daquele tempo, quando não tínhamos muito, mas aquele pouco era suficiente. Me recordo que era muito

difícil eles comprarem algum brinquedo, por não terem condições e por eles mesmos serem capazes de produzir ou ensinar algum tipo de brincadeira que eles sabiam. Iniciei meus estudos com 6 anos de idade, no ano de 2006 no PPA, como todos da minha aldeia conheciam a escola, e hoje é conhecida por ensino infantil, e foi no PPA que aprendi a ler e escrever e fiz meus primeiros amigos.

Com passar dos anos fui aprendendo muito mais, fui me desenvolvendo, era sempre presente nas aulas práticas, onde fazíamos visitas na casa de pessoas mais velhas, para ouvir histórias do passado, de como eram realizadas as atividades que era de costume praticar, íamos em suas roças, e nos ensinavam passo a passo de como era preparada a terra para o plantio. participei da produção de palheiros, oficinas de produção de saias de ceda e produção de farinha de mandioca. Foram ótimos momentos da minha vida, tive experiências que levarei para a vida toda, pois tive oportunidade de ver de perto algumas lutas e labutas do meu povo.

No ano de 2017, realizamos uma feira de ciências, com comidas típicas, e frutos da natureza, para destacar a importância dos alimentos consumidos pelo nosso povo, e também do nosso modo de vida, tivemos a presença de um grupo de estudantes da cidade de São Francisco, e eu tive a oportunidade de apresentar meus poemas e versos, pois gosto muito de falar sobre as lutas do meu povo em formas rimas, e decidi mostrar aos visitantes um pouco do que gosto de fazer. No decorrer de todo o meu período escolar, sempre pratiquei atividades relacionadas à nossa cultura, produzia objetos de barro, de madeira e também de palha, e vendo a necessidade que tínhamos e ainda temos de receber a pintura em nosso corpo, eu aprendi a pintar, e hoje consigo pintar a mim mesma e também a outras pessoas, a pintura é uma das nossas mais marcantes identidades e também é uma proteção espiritual.

No ano de 2018, realizamos várias atividades, como por exemplo, palestras entre alunos e comunidade, para compartilhar um pouco dos nossos conhecimentos e ouvir também o conhecimento dos demais. Nesse meio período do meu último ano na escola, fizemos uma visita na aldeia Sumaré I, na rádio Xakriabá, tive a oportunidade de ouvir a história, e ver fotos da criação da casa de cultura, onde são realizadas reuniões e eventos culturais, e também onde tem o funcionamento da rádio, que hoje é uma arma muito importante para nosso povo, pois possibilita a chegada de informações com mais facilidade nas aldeias, sendo útil também para ouvirmos o conto de histórias e cantos.

Também em 2018 demos início a um projeto que seria desenvolvido durante todo ano, e seria apresentado no último dia de aula, pode-se dizer que era um trabalho de percurso, então fiz meu trabalho sobre o aquecimento global, e no dia da apresentação, montei uma bancada para apresentá-lo em forma de programa de televisão, e então apresentei em forma de jornal e o resultado não foi diferente do que eu imaginava, graças à Deus deu tudo certo.

### **Atividades cotidianas na minha aldeia**

Na minha aldeia tenho grande participação, em missas, rezas, cultos, festejos religiosos, são poucos os jovens que participam, a maioria são pessoas de mais idade, e por isso acho importante minha presença, pois gosto muito de interagir com pessoas mais velhas, pois de alguma forma eles estão sempre nos transmitindo um pouco do que sabem. Acredito que seja de grande importância minha participação nesses eventos, pois um dia os mais velhos não estarão mais entre nós, e nessa luta quem vai dar continuidade somos nós jovens. No ano de 2020 Tupã me concedeu a oportunidade de ingressar na faculdade do FIEI (Formação Intercultural para Educadores Indígenas) na UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), e no ano de 2023 comecei atuar como educadora na escola Oaytomorim da aldeia Prata.

Há mais de 7 anos, faço parte de um grupo cultural que foi criado em minha aldeia, com o propósito de buscar melhorias de vida e resgate da cultura em nosso território. O principal objetivo desse grupo é dar visibilidade e mostrar a importância da prática de nossa cultura, fazendo rituais com cantos, danças e pinturas corporais, para o fortalecimento do nosso corpo e espírito. Cada dia que passa as pessoas se modernizam mais e começam a deixar de praticar nossos costumes e crenças, não podemos evitar que a civilização chegue até nós, mas podemos manter a prática da nossa cultura. Por participar desse grupo e por ser uma jovem indígena, tenho importante papel na luta, participo de reuniões internas, juntamente com caciques e lideranças, para ouvir suas falas sobre o que vem acontecendo em nosso território e para fazer o uso do meu conhecimento, escuto suas falas e aprendo com elas, e faço uso das minhas quando acho necessário, respeitando sempre os mais velhos, que estão a todo momento a nos ensinar.

Somos um povo marcado por grandes lutas, não é de hoje que ela vem acontecendo, ela já existe desde nossos ancestrais, que tombaram para garantir os direitos do nosso povo, e sabemos que nunca vai ter fim, pois um dia já foi dos mais velhos e agora é pertencente a nós, juventude indígena. A luta é uma herança que recebemos daqueles que perderam suas vidas, para que hoje

tivéssemos onde morar e de onde tirar nosso sustento. Apesar dos perigos e desafios que enfrentamos constantemente, estamos sempre usando nosso corpo e nossa cultura como instrumento de luta. Tenho grande orgulho, de fazer parte de um povo que tem história de lutas e conquistas para contar, um povo que prefere ser adubo da terra do que deixar de lutar por ela.

## **NOSSO TERRITÓRIO**

O nosso território indígena Xakriabá localiza-se na região sudeste do Brasil, no norte de Minas Gerais, no município de São João das Missões, na margem esquerda do rio São Francisco. O território foi homologado no ano de 1987, com 53 mil hectares, e hoje habita nele uma população de aproximadamente 12 mil indígenas, distribuídos em 37 aldeias. A vegetação predominante do território é formada pelos seguintes biomas: cerrado – conhecido também como gerais ou tabuleiro, mata e caatinga – popularmente conhecida como carrasco. Em todos esses biomas já não encontramos mais a mesma vegetação e animais que existiam há uns 20 anos atrás, devido ao alto índice de desmatamento.

A aldeia Prata, localiza-se no território indígena Xakriabá, município de Missões. Segundo os mais velhos da comunidade, a aldeia recebeu este nome devido a existência de variadas cores na terra, e principalmente pela maioria ser preta e branca. Os bandeirantes exploravam muitos minérios nessas localidades, e a partir de então surgiu o nome da aldeia. Através de muita luta conseguimos para nossa comunidade uma escola que atende aos alunos do ensino infantil ao ensino médio, no qual todos os servidores que atuam, são moradores da comunidade. Temos posto de saúde, que atende todos os dias da semana, com auxiliares de enfermagem, técnicos, médicos e outros. Há muitos campos de futebol na aldeia, o que faz com que esse esporte se torne uma das principais atividades a serem realizadas por homens e mulheres, trazendo grande visibilidade no esporte para nosso povo. A população da aldeia Prata tem aproximadamente 70 famílias e 210 pessoas, sendo elas crianças, adolescentes, jovens e adultos.

Devido a maior parte da população da aldeia não ter boas condições financeiras para se manter, costuma-se desenvolver o trabalho da agricultura no território, mas também muitos trabalhadores, principalmente os homens, deixam a aldeia para ir em busca de melhorias, trabalhando em outras cidades ou estados para manter o sustento da família. Devido às mudanças climáticas, que vem trazendo a falta de chuva, o trabalho da agricultura vem diminuindo bastante em todo território, isso vem ocasionando uma diminuição muito significativa na produção de alimentos. Esse é um dos principais motivos que levam aos moradores da comunidade a investir na criação de animais, tendo isso como meio de renda, pois costuma-se vender os animais para comprar outros alimentos e suprir também outras necessidades.

Apesar da criação de animais ser para o nosso povo uma fonte de renda, isso vem ocasionando um alto índice de desmatamento em todo território, pois devastam áreas extensas de vegetação para realizar o plantio de pastagem, isso traz como consequência o risco para existência de diferentes espécies de plantas e animais. Há pouco tempo algumas pessoas começaram a praticar essa atividade de maneira significativa, fazendo o plantio sempre no mesmo lugar, para evitar o desmatamento em um outro ambiente, fazendo com que outras áreas de vegetação que foram desmatadas, aos poucos se recuperem.

## 1. INTRODUÇÃO

Desde o meu ingresso na universidade já tinha em mente o que queria para meu percurso, e mesmo não tendo definido o tema, gostaria que fosse algo que tivesse alguma relação com crianças e brincadeiras. Um dos principais motivos que me mostrou o caminho para este percurso e me fez ter um anseio sobre este assunto, foi notar a criatividade dos meus sobrinhos na desenvoltura de suas brincadeiras. Por serem crianças que difícil acesso às tecnologias, eles passam maior parte do tempo produzindo seus próprios brinquedos e reinventando formas de se divertirem através das possibilidades que estão a seu alcance. Quando estão produzindo um brinquedo, eles já começam a cantar nossas músicas, jogam *Loas*, em forma de provocação e isso se torna tão prazeroso de se ver e me cativa de tal maneira que me leva a ter muitas reflexões sobre como vivemos nossa infância.

Dessa forma, eu vejo o quanto é importante que nossas crianças possam se divertir de maneira saudável, mantendo também a tradição do nosso povo e fortalecendo nossa luta. O modo que meus sobrinhos brincam me fez refletir, que atualmente algumas outras crianças da comunidade não produzem seus próprios brinquedos e nem realizam brincadeiras que eram praticadas por seus pais e/ou avós. Talvez, devido aos avanços sociais e tecnológicos, eles encontram com mais facilidade formas de se divertirem e passar o tempo por meio dos aparelhos eletrônicos e por brinquedos que são produzidos e vendidos na cidade. Isso, consequentemente, está fazendo com que essas crianças percam a inocência que deviam ter naquela idade e as impedem de irem em busca de conhecimentos sobre as histórias e brincadeiras e muitas outras coisas do nosso povo. Isso também, na minha opinião, tem como consequência, uma infância não muito saudável e produtiva para eles mesmos, deixando adormecer muitas práticas que para nós têm grandes significados, ao mesmo tempo em que colocam neles uma necessidade de consumo de coisas que são oferecidas nas propagandas.

Através dessa reflexão resolvi que meu tema de percurso seria “brincando de fazer brinquedo”, mas durante o desenvolvimento do trabalho percebi que meus entrevistados tinham muitas lembranças de quando eram crianças e então decidi relacionar esses dois pontos, que foi “infância e brincadeiras Xakriabá”, como forma de pesquisar e refletir sobre a infância no Território Xakriabá, suas mudanças através do tempo e as possibilidades de criar espaços para brincadeiras que desenvolvam a criatividade e habilidades nas nossas crianças, ao mesmo tempo em que fortaleçam seus vínculos com a nossa cultura e tradição. Desde o momento em

que escolhi falar sobre este assunto, pensei também em fazer assim como fazem meus sobrinhos, que enquanto brincam, produzem os versos, mas aqui eu produzo os versos como uma maneira de brincar com a pesquisa, tendo em mente que essa prática vai além do brincar, sendo também uma maneira de repassar conhecimentos através de rimas, além de mostrar um pouco da minha cultura, oferecendo também uma opção de leitura a mais para o leitor.

Tive como objetivo neste trabalho fortalecer e fazer o resgate dos brinquedos e brincadeiras que eram praticados pelos nossos anciões da aldeia Prata e de comunidades vizinhas, em seu tempo de infância, registrando essas histórias de vida dos nossos mais velhos, com objetivo de fazer também comparações com os brinquedos e brincadeiras realizadas pelas crianças da atualidade, e fazer deste trabalho uma ferramenta de luta e fortalecimento da nossa cultura.

Para o desenvolvimento deste trabalho realizei pesquisas com alguns anciões da minha comunidade aldeia Prata e com o pajé Deda, que é morador de uma aldeia vizinha (Imbaúba). Realizei entrevistas através de áudio e escrita, rodas de conversar com pessoas que fazem brinquedo ou praticavam brincadeiras tradicionais Xakriabá, durante sua infância. Entrevistei algumas crianças da aldeia Prata para que relatassem um pouco de seu dia a dia, de como está sendo sua infância e quais brincadeiras vê a realizar.

## INFÂNCIA E BRINCADEIRAS XAKRIABÁ

Desde o meu ingressar na universidade  
O que queria para o percurso já tinha em mente  
Algo que falasse sobre meu povo  
Alguma prática de antigamente

Através deste pensamento  
Refleti então um pouco mais  
E decidi relacionar as crianças  
E brincadeiras tradicionais

Pensei então em mostrar  
Um pouco da nossa realidade  
Registrando brinquedos e brincadeiras  
Em minha comunidade

Brincando de fazer brinquedo  
Este seria o tema a ser pesquisado  
Relembrando os brinquedos produzidos  
Pelas crianças no passado.

Fiquei um pouco preocupada  
Deste tema desenvolver,  
Pois muitas das brincadeiras antigas  
muitas crianças nem chegaram a conhecer

Há casos em que algumas delas  
Até se interessam um pouco mais  
Então buscam conhecimentos  
Conversando com seus pais

Durante as entrevistas  
Ouve relatos de muitas lembranças  
Não somente das brincadeiras  
Mas de acontecimentos na infância

Depois de muito refletir  
Decidi o tema que iria pesquisar  
“infâncias e brincadeiras”  
Do povo Xakriabá

Relembrar do tempo antigo  
Se torna grande necessidade  
Pois há muitas práticas adormecidas  
Em nossa comunidade

Refletir sobre antigamente  
Foi um dos principais caminhos  
Então fui registrando brincadeiras  
Realizadas pelos meus sobrinhos

Ao produzirem um brinquedo  
Ali já começa a animação

Jogam loas um para o outro  
Como forma de provocação

Sem muito acesso às tecnologias  
isso se torna muito agradável  
pois preservam sua inocência  
crescendo de maneira saudável

Devido a tantos avanços  
que vivemos na atualidade  
as crianças adquirem os brinquedos  
comercializados na cidade

Isso de tal forma é muito triste  
e nos traz grandes consequências  
as crianças evoluindo tanto  
e perdendo sua inocência

Não procuram saber das histórias  
não se atentam aos ensinamentos  
se tornando uma geração  
que não busca conhecimento

Crianças focadas em tecnologias  
aprendendo sempre algo novo  
deixando de colher os frutos  
da sabedoria do nosso povo

Isso traz às nossas crianças  
uma infância sem produtividade  
pois chegam a elas muitas informações  
não adequadas para sua idade

As propagandas que aparecem  
causando necessidades de consumo  
trazendo para nossa comunidade  
a realidade de um outro mundo

E assim deixam adormecer  
os nossos costumes do passado  
práticas de fortalecimentos  
que contêm grandes significado

Desde a escolha deste tema  
Eu já vinha a pensar  
Que este trabalho seria em rimas  
Como uma forma de brincar

O jogar loas representa  
Um pouco da minha cultura  
E ofereço aos leitores  
Uma opção a mais para a leitura

Assim como meus sobrinhos  
Enxergam isso como uma diversão  
Decidi que seria assim  
Esta minha apresentação

Tendo em mente que o jogar versos  
Não é somente o brincar  
Mas sim é uma prática  
De se aprender e ensinar

Através deste costume  
Temos um fortalecimento  
Compartilhando e adquirindo  
Muito mais conhecimento.

Tive como objetivo registrar  
As histórias de infância dos nossos anciões  
Fortificar nossa cultura e acordar  
O adormecimento das tradições

Para o desenvolvimento deste trabalho  
Eu vim então a realizar

Rodas de conversa e entrevistas  
Sobre as brincadeiras e infância Xakriabá

Conversando com aqueles  
Que têm grandes conhecimentos  
Que adquiriram no passado  
Como fortalecimento

Entrevistas com crianças  
Para saber suas opiniões  
Sobre as brincadeiras da atualidade  
E as praticadas pelos anciões

Aprendi muito com os mais velhos  
Que por mim foram entrevistados  
Contaram muito sobre suas vivências  
E histórias do seu passado

Os meios que vim a usar  
Para a realização das entrevistas  
Foram filmagens, roda de conversas  
Gravações de áudios e escritas

## **2. A INFÂNCIA XAKRIABÁ: AS CRIANÇAS DE ONTEM E DE HOJE CONTAM A HISTÓRIA DE COMO FOI SUA INFÂNCIA**

Como é vivida a infância na atualidade na Aldeia da Prata? Como as crianças são criadas na aldeia desde o momento do nascimento? Com quem essa criança convive? Como é essa convivência? Como os outros membros da comunidade (por exemplo a família, os jovens, os adultos, os mais velhos) lidam com essa criança? Como é a interação dessa criança com outras crianças da aldeia? Quando essas crianças são introduzidas no universo da brincadeira? Com quem ela brinca? Como brinca? Com quais brinquedos? Como são produzidos os brinquedos artesanais com os quais a criança brinca? Quais são as brincadeiras tradicionais?

Essas foram as perguntas que eu me fazia quando pensava no que seria essa pesquisa, pois acredito que para cada um de nós a infância foi a melhor fase da vida, pois se trata daquele momento em que estamos descobrindo as possibilidades que existem ao nosso redor e tornando possível tudo aquilo que imaginamos, apesar que para muitos a realidade de vida acaba sendo totalmente diferente, devido as inúmeras dificuldades que se encontra pelo caminho. Mas para pensar essas questões colocadas acima, senti que era importante saber de onde vinham as brincadeiras e brinquedos Xakriabá, saber se tinham brincadeiras que foram passadas de pais para filhos e se tinha uma característica própria da infância Xakriabá.

Por isso, esse trabalho teve como objetivo, fortalecer e/ou resgatar os brinquedos, brincadeiras e os modos de brincar que eram praticadas pelos anciões da aldeia Prata do povo Xakriabás. Também registrar as histórias de infância dos nossos mais velhos, com forma de comparar com as brincadeiras e brinquedos das crianças Xakriabá de hoje.

Para a realização desta pesquisa e melhor entendimento sobre a infância do meu povo, decidi que iria pesquisar pessoas de diferentes idades, sendo alguns deles anciões da minha comunidade e também de comunidades vizinhas, para que assim pudesse deixar registrada suas histórias de vida e a maneira como se vivia antigamente. Sendo eles pessoas de muito conhecimentos, acredito que seja de grande importância guardar também como documento os seus saberes, para que com o tempo não se perca. Conversei também com meu sobrinho de 11 anos para que ele repassasse um pouco dos seus conhecimentos e falasse um pouco sobre como é sua vivência na comunidade. Um dos aspectos que acredito que seja de grande importância nesse trabalho, é que a partir da elaboração do questionário que foi destinado a eles e, de acordo com a resposta de cada um, eu me desafiei a transformar parte da pesquisa em versos e poesia,

como uma maneira mais rica de expressar os conhecimentos do meu povo e ao mesmo tempo brincar com as palavras já que lançar loas é também uma forma de brincadeira Xakriabá. Dessa forma, mantive as falas dos entrevistados e depois delas lancei um verso e depois do verso, comentei a fala.

Os entrevistados foram seu Valdemar Ferreira dos Santos, 74 anos de idade, casado, pai de 9 filhos, morador e liderança da aldeia Prata, terra indígena Xakriabá; Joana Marcos de Souza, 64 anos de idade, casada, mãe de 4 filhos, moradora da aldeia Prata, uma das primeiras educadoras indígenas do território Xakriabá; Eikon Fernandes mota, 11 anos de idade, filho de Valdinei Lopes da Mota e Gessimara Fernandes Mota, morador da aldeia Prata, estudante da escola estadual indígena Oaytorim; Aldina Lopes da Mota, 53 anos de idade, casada, mãe de 10 filhos, moradora da aldeia Prata, terra indígena Xakriabá; José Araújo de Souza , Pajé Deda, casado, pai de uma filha, morador da aldeia Imbaúba, professor de cultura da escola estadual indígena Bukimuju, aldeia Brejo Mata Fome, pajé do povo Xakriabá.

## 2.1. Com a palavra seu Valdemar<sup>1</sup>



Figura 2 - Sr. Valdemar.

<sup>1</sup> As falas dos entrevistados foram reproduzidas mantendo suas características de oralidade e não seguem a norma padrão escrita da língua portuguesa.

*Meu nome é Valdemar, moro na aldeia Prata, sou liderança da comunidade e eu enfrento muita coisa aqui dentro dessa comunidade, da minha lembrança de infância as brincadeiras eram diferentes porque a gente usava os carrin de mão, nós mesmo fazia, dava uma hora dessa já tava a fresta, carrim chei de lenha, usava esses bodoque de madeira com linha pra pilotar nos passo e tinha onde eu morei que nasci, foi no Brejo Maomé e mudaram o nome pra Imbaúba, então lá tinha peixe, tinha anzol, pescava, então a gente não era envolvido nessas infâncias que tem hoje. No tempo da infância da gente, a gente era bem mais empregado do que hoje, porque os pais não deixava a gente ter a voz ativa, a gente só participava de festa depois que já tava adulto, que ia por conta própria, mas enquanto a gente era menino os pais ia, a gente ficava em casa, aquele maior ficava olhando ao mais pequeno. E as outras brincadeiras era os cavalo de pau, e tinha cipó torto arqueado: o cara cortava, fazia tipo um cavalo. Tinha outra brincadeira é tal da gangorra, enficava um morão, fazia uma cabecinha, furava aquele pau, coisava e muntava um de lá e outro de cá, hoje se nós fazer aquilo é muito acidente, é menino de braço quebrado, perna, porque hoje não tem o tipo de brincadeira que nós tinha, que nós tinham cuidado com o zoto, que a gente rodava assim, marr num derrubava o outro. Hoje se fazer aquilo o cara vai rodando até chegar um tempo que ele dá um enpino nela e joga o outro pra riba aí já era. Outra coisa era uns meninos assim, quando começava a ir né festa a gente num ficava lá embaçando no meio do povo, não, se tivesse um arião o zotô tava zuando na festa, ele ficava brincando de roda naquele arião, que eu mesmo participei. As coisas diferença porque dum lado avanço que tinha arguma coisa que fico miúdo, mas de outro lado estragou, que hoje é bem diferente do que nós viveu então, então tá vivendo mais diferente, os cara se quer brincar tem que comprar brinquedo pra ele, as meninas brincava com sabuco vestido, sabuco enrolado no pano e era as bonecas e hoje tudo isso acabou, que ninguém conhece mais, então é bem diferente. Tivesse a lua bonita, a gente num dormia cedo não, os vésperas tava lá dentro casa, a gente ficava no terreiro brincando, num dormia cedo não, as coisas mudou muito, hoje é mais encutido muito com celular, essas coisas e o que é que era, num é mais, hoje uns menino desse aí tem resposta pra tudo, é remate.*

*Porque as crianças de hoje não brincam, eu acho que é por mode negócio da tecnologia que os pais as veis influencia de ver, é avançado e então fica encutindo, o fio nasce, já vai comprar a brincadeira lá, traga pra aí ele, envolvem, ele usa um dia ou dois, joga pra lá, compra outro, aí ele nem conhece que brincava antigamente, negócio de pegar barro e fazer gado, fazer uns boi de barro, vaca, fazer uns cachorrinhos, cavalo arriado, tudo isso a gente brincava. No oásis aquela tinha uma gruta que tinha barro, eu ia marrar os meninos, fazia e caçava umas grutas e*

*guardava, aí todo fim de semana nós ia pra lá, então mano tinha esse negócio de menino tá passeando, hoje, hoje os menino tá muito civilizado e dum lado a civilidade tá trazendo problema, porque cria muito, muita civilidade, que traga problema depois e passa das medidas, que quando um文明ado ele sabe tratar, sabe responder ele sabe respeitar, ele tem vantagem, mas quando ele não sabe, ele começa a usar as malandragem que tem hoje, ele torna socializar e entrar num trabalho muito difícil, então é mei complicado. Mas a gente não pode esquecer do que a gente é e sempre alembrar, vai aonde for, mas sempre lembrar, que assegurar condo fala organização interna é aquele costume que a gente já viveu, organização é o modo da gente viver diferenciado. O mundo envoluiu de uma forma ruim é aí onde a gente vorta atrás, lutar pra segurar o direito que tem, conhecer pá debater, sustentando o direito que tem, porque a sorte deles que é com o direito que ez tem, ez tá tendo um direito na educação, saúde mas se num tivesse, e se nós perder terra também, nós não tem como usar a inducação e a saúde, é coisa que a gente tem que trabalhar mais pra segurar essa parte.*

### **Versos para o seu Valdemar**

Para adquirir mais conhecimentos  
Sobre a nossa realidade  
Conversei com sr. Valdemar  
Liderança da comunidade

Ainda jovem assumiu a liderança  
Já com grande responsabilidade  
E até hoje ainda atua  
Com 74 anos de idade

Ele disse que em sua memória  
Ainda havia muitas lembranças  
E relatou algumas brincadeiras  
Do tempo de sua infância

Ter este momento de conversa  
Para mim foi uma grande alegria  
E um pouco do que ele disse  
Recitarei em poesia.

Os brinquedos que usava  
Eu mesmo quem produzia  
E através daquela prática  
Muita coisa aprendia

Tinha um carrin de mão  
Que com ele sempre brincava  
E utilizava pra pegar lenha

Pra ajudar dentro de casa

É que nos dias atuais  
Tá tudo muito diferente  
E nada mais está igual  
Aos tempos de antigamente

Usava bodoque de madeira  
Para pilotar nos passarinhos  
Pegando cada pedrinha  
Que encontrava pelo caminho

Na aldeia que antes morava  
Tinha peixe com abundância  
Eu sinto muita saudade  
Do tempo da minha infância

Procurava cipó torto  
Daqueles mais arqueado  
Dizia ser meu cavalo  
Deixava na cerca encostado

Outra brincadeira é a gangorra  
Que era boa de praticar  
Enfiava um mourão no meio  
Ficava um de lá outro de cá

Hoje se fizer isso  
É algo muito arriscado  
Pois as crianças não sabem brincar  
E sai todo machucado  
Quando comecei ir ne festa  
Não podia ficar embaçando  
Os vêiam conversar  
E a gente ficava brincando

Nóis gostava daqueles arião  
Que num era perto do povo  
E ali brincava de breá' de roda  
Corrida e derruba toco.

A gente pegava barro  
E fazia com muito cuidado  
Umas vaquinha, uns boizinhos  
E os cavalos arriados

No oi d'aguão tinha umas grotas  
Que era onde nós guardava  
Fim de semana ia mais os meninos  
E lá mesmo nós brincava.

Quando a lua tava bonita  
Cedo ninguém dormia  
Ficava brincando no terreiro  
A noite clara quenem o dia.

Acendia uma fogueira ali no meio  
E os vêí contavam muitas histórias  
Tudo isso ainda tenho  
Guardado na minha memória.

E Naquele velho tempo  
Nóis tinha também que trabalhar  
Pois tinha nossos deveres  
Não era somente brincar

Hoje tá muito difícil  
De ver isso acontecer  
Os fi já não escuta os pai  
E num quer mais obedecer

As coisas diferençou bastante  
De um lado tá complicado  
Pois tá perdendo conhecimento  
Daquele tempo passado

As coisas que eram boas  
Com tempo tá indo embora  
Pois já não são importantes  
Para as crianças de agora

Essa falta de interesse  
É por causa dos avanços sociais  
A criança brincando na natureza  
É coisa que num se vê mais

É só de cara na televisão  
E também no celular  
E as brincadeiras que são saudáveis  
Estão deixando de praticar

Hoje não tem nada parecido  
Com o tempo que nós vivenciou  
Até a inocência da criança  
Nos dias de hoje se acabou

Tão tudo com voz ativa  
Respondendo mal aos pais  
Sem interesse em saber  
Das brincadeiras tradicionais.

Se hoje quer um brinquedo

O pai precisa ir comprar  
Envolve só um ou dois dias  
E depois joga pra lá

Os pais também têm uma culpa  
Por as vez influenciar  
Se a criança chora num dá mais leite  
Entrega logo o celular.

Então tá muito complicado  
De entender o mundo agora  
As coisa ruim tomando espaço  
E as boa tá indo embora.

É uma situação muito triste  
O que a gente tá vivendo  
Os conhecimentos do nosso povo  
Aos poucos tão se perdendo.

### **Comentário**

Na fala do sr. Valdemar ele cita algumas brincadeiras e brinquedos que no seu tempo de infância ele praticava, e alguns de seus brinquedos além de serem utilizados para se divertir, eram usados também como instrumento de trabalho, como por exemplo o carrinho de mão, que ele usava para pegar lenha e ajudar em casa. Sua fala nos traz uma imagem de como era a infância das crianças naquela época, eram mais presentes em casa, contribuindo com as atividades que deviam ser realizadas para assim ajudar os seus pais, em sua comunidade de origem que é a aldeia Imbaúba, havia muitos rios e nascentes onde ele e os colegas frequentavam para fazer a pesca, fazia um bodoque de madeira para caçar passarinhos porque era uma época em que a natureza era bem preservada e tinha aves e animais com a abundância. Quando fazemos a comparação com os dias atuais vemos que o nosso território tem uma grande carência em áreas preservadas por consequência do desmatamento.

É interessante quando ele diz que as crianças do seu tempo não tinham a voz ativa para com seus pais ou algum outro mais velho, e hoje o que a gente mais presencia é a falta de respeito entre eles, talvez pela ausência de rigidez, que os pais já não têm com seus filhos por pensarem que isso é coisa de antigamente e que eles precisam de liberdade de expressão. Também pode ser pelo fato de as crianças terem outros contatos com pessoas que não são da família, e assim acabam aprendendo outros modos.

Um dos motivos pelo qual escolhi entrevistar senhor Valdemar foi porque além de exercer um cargo de grande responsabilidade na comunidade, ele é também um ancião de grandes conhecimentos e apesar da sua idade nunca deixou de participar da luta do nosso povo, está a todo momento nos repassando seus conhecimentos e nos incentivando a nos fazermos sempre mais presentes na história e luta do nosso povo.

## 2.2. Com a palavra Dona Joana



Figura 3 - Dona Joana.

*Meu nome é Joana Marcos de Souza Mota, fui uma das primeiras professoras indígenas né, aqui dentro do Xakriabá, comecei essa luta com idade de 16 anos né, continuei na luta até hoje com 64 anos de idade, e continuo trabalhando, porque eu amo né, tá no meio das crianças. É, antes, nós somo em 9 né, comigo nós somo 9 irmão, aí nós foi criado trancado dendi casa, aí nós não saia pra lugar nenhum pra poder brincar, aí tinha uns vizim perto, depois de muito tempo a gente brincava, pegava aí na bêra de munturu pegava sabuco, pedaço de pau, bolin de barro, ia fazendo, fazia bonequinha pra um, bonequinha pra outro. Os menino homi pegava fazia uns carrin, pegava um pau de barriguda, que é fofo né, imbiruçu coisava, fazia a rodinha, inflava um pauzin, os menino, ar menina muié brincava de boneca de barro, de sabuco, de pano, aí mãe me ensinou nós custurar, nós foi custurano, ali foi gendando, alejando e nisso nós acabamo aprendendo. Fazia uma barraquinha, saía do quintal assim entrava lá dentro do mato um poquin, na hora que mãe tava dendi casa né, aquele momento que ela tava a gente já fazia a barraquinha de mato né, cubria tudin de mato arredor, nós inficava as gaia de pau, aí*

fazia aquele quartim ali, onde nós entrava, brincava, colocava as boneca, cozinhava, tinha as panelinha já véia, dizia que tava fazendo comida, aí levava arroz, levava farinha, tudo aí nós cozinhava também, cozinhava também merr, de verdade, e nisso até hoje porque que a gente aprendeu, porque dizer do povo que a gente aprende é ouvindo e observando as coisa, então tudo isso a gente aprendeu desde pequeninha, as brincadeira saudável né. Quando nós foi crescendo tinha as coleguinha também, que as brincadeira das colega que morava perto, deu trabaí pra mãe deixar nós brincar, era tudo com daqui ali, ninguém podia fugir longe. Quando as colega pegava uma boneca de verdade pra dar pra nós, nós não pegava, e através dos brinquedo nosso né, elas também aprendeu a fazer, chamava bora fazer brinquedo, vamo! Aí nós juntava aquele grupin, pegava bolo de barro, aí nós fazia as casinha de barro, fazia as caminha também, tudo de vara, giralzim assim, do jeitin que nós brincava a brincadeira é onde nós aprendemo, nós observando o ponto, a convivência da gente dendì casa, então a gente aprendeu fazer aquilo, e eu tenho saudade do meu tempo minha fia, eu tenho muita saudade do meu tempo, porque o tempo que eu venho lutando, lutando. As brincadeira de antes nós brincava todo mundo direitin, era os homi com cavalin de pau entre as perna né, as muié com suas bunequinha de barro de sabuco, de pau, as brincadeira saudável, todo mundo brincava direitin, não tinha briga nenhuma. Era tantos tipos de brincadeira, telefone mudo, a gente usava aqueles fósforo que o povo comprava, aqueles fosco né, aí aquelas caixinha nós ia juntando, era fechadinha, nós furava ela e finhava uma linha, aqui um ficava aqui com a caixinha e o outro ficava lá, cuma tá aquele pé de manga, aí fazia telefonando pro zotô né, aí com a caixinha de fósforo, alou! Principalmente à noite quando a lua tava bonita, ó tempo bom! Aí a gente: rumbora telefonar! Aí um ficava de cá, outro ficava de lá e falava alou, o outro respondia alou, boa noite, e aí cume que tá, tudo bem Era brincadeira saudável e hoje a diferença das brincadeiras, porque hoje os brinquedo de hoje tem seus carrin, tem sua boneca merr de plástico, boneca comprada, nós merr tamo colocando nossos fi, nós merr tamo ensinando nossos fi a ser desobediente, porque a criança tá chorando, eu não quero ouvir o choro de criança e eu pego, ó menino sai daqui com essa zuada, toma esse telefone, vai sentar pra lá, aí ota hora nós mãe tá ocupada, que o menino senta lá na televisão e vai a criança fica, ele encanta tanto com telefone, ele encanta tanto com a televisão, que ele deixa os tipo de brincadeira pra trás. As brincadeiras de antes era muito saudável, hoje ninguém quer brincar, a brincadeira faz parte da saúde, é bom pá mente, é bom pá memória né, e evita muintha coisa e hoje as cosia tá totalmente diferente, a criança hoje chora, não dá nem mais mamadeira, dá é o celular. As criança de hoje já não brinca igual as criança de antes, porque hoje com as mudança do tempo e da tecnologia facilitou mais pra eles, porque o tempo que eles tá juntando

*o grupin pra tá lá brincando, ez tá involvido mais é no telefone, é na televisão, é ne coisa de tá falando, ainda ez aprende o que tão vendo na televisão, não que nem as criança de antigamente que nem sabia o que era isso. Hoje tá totalmente diferente, porque as crianças de antes era tudo de piquininin, era todos unidos, chegava num canto ficava aquela roda de criança e hoje não, a criança fica daqui, um dá uma pesada né, um aqui, um dá um tapa notro açúcar, os adultos reclama eles num ouve, os pai reclama, ez responde e tá totalmente diferente, é por isso que eu falo pra você que hoje tá, que essa tecnologia ajudou bem, por um lado foi um grande avanço, pra que que nós devemos usar essas ferramentas, pra quem sabe aproveitar essas ferramentas é bom, pra tá rezistrando tudo que os mais velhos contar, oq ue eles ouvir ou que seja num evento ou que seja numa festa ou que seja num rezado, eles tá li ouvindo, ez tá ali rezistrando tudo aquilo ali. Que é pra no dia damanhã, ou que seja moça ou que seja rapaz, quem é casado já tem a noção, pra no dia damanhã que a criança vai fazer pergunta, aí fala assim: ó mãe que qui a senhora usava antigamente, a mãe vai saber explicar, antigamente não tinha telefone, não tinha televisão e hoje tem tudo, tem muita coisa boa que pode ser aproveitado, trabalho bom que pode aproveitar, esquece o que é ruim e pega o que é bom, que hoje a perdição tá aí no mundo entre grandes e pequenos.*

### **Versos para Dona Joana**

Meu nome é Joana Marcos  
Desde muito cedo comecei a lutar  
Com 16 anos de idade  
Fui uma das primeiras professoras Xakriabá

Estar no meio das crianças  
É meu prazer, é aquilo que amo  
E hoje com 64 anos de idade  
Eu continuo trabalhando

Eu e meus irmãos fomos criados  
Trancados dentro de casa  
Fazia bonecas com sabuco e madeira  
Que nos munturo nós achava

Depois de muito tempo  
Que a gente começou a sair  
E brincava com os vizinhos  
Que moravam perto dali

Nóis pegava barro  
Pra fazer umas bonequinha  
Juntava nas beira de mato

E brincava de casinha

Nóis pegava uns sabuco  
Uns parecia uns mininin  
E os que parecia menina  
Nóis colocava uns vestidin

Fazia uns bolin de barro  
Que parecia que era verdadeiro  
Dava vontade de comer  
Só de sentir aquele cheiro

Tinha umas barriguda e embiruçu  
Que os menino tirava pra fazer carrin  
Cortava umas rodinha da madeira  
E enfiava uns pauzin

Minha mãe nos ensinou a costurar  
E eu ficava sempre tentando  
E foi rápido que aprendi  
Fazer minhas bonecas de pano

Os menino ficava lá  
Brincando com seus carro  
E nós ficava com nossas bonecas de pano  
De sabuco e de barro

Nóis fazia umas barraquinha  
Ali mesmo no quintal  
E as brincadeiras nossa era assim  
Era tudo natural

Nóis entreva no mato um poquin  
Na hora que mãe num via  
Pegava um monte de galhos  
E a casinha nós cobria

Enfiava as gaia de pau  
E fazia aqueles quartin  
Pegava nossas boneca  
E deixava elas dormir

Tinha umas panelinha  
Que mãe usava ainda  
E nós levava pra casinha  
Pra fazer nossa comida

Levava arroz, farinha  
Para nos alimentar  
E na verdade foi assim  
Que eu aprendi a cozinar

Tem aquele dizer  
A gente aprende ouvindo e observando  
E era assim que eu fazia  
Quando minha mãe tava cozinhando

As brincadeiras saudáveis  
A gente sempre fazia  
E naquele bom tempo  
Quase ninguém adoecia

Quando nós foi crescendo  
Foi arrumando umas amizades  
E elas foram comprando  
Umas boneca de verdade

Mae não deixava nós brincar  
Com brinquedos da cidade  
Pois aquilo não fazia parte  
Da nossa realidade

Do mesmo jeito elas aprenderam  
A brincar igual a gente  
Produziam os brinquedos com carinho  
E amor principalmente

As caixinha de fósforo  
A gente juntava tudo  
E quando chegava à noite brincava  
De telefone mudo

Porque a lua tava bem bonita  
Ficava só o clarão  
E essa brincadeira a noite  
Era a nossa diversão

Ó tempo bom, minha fia  
Que jamais ah de voltar  
Pois hoje se a criança chora  
Já entrega o celular

Nóis que é mãe  
Que as veiz tá ocupada  
Manda a criança ir ver televisão  
E parar com a zuada

As brincadeiras de antes  
É bom pra saúde e pra mente  
Mas hoje tudo mudou  
Tá muito diferente

As crianças de hoje

Já não brincam com alegria  
Pois estão muito envolvidas  
Com as tecnologias

De um lado ajudou bastante  
Da pra deixar tudo registrado  
Que seja uma conversa  
Brincadeiras, festejos ou rezados

Os conhecimentos de antigamente  
Estão tudo se perdendo  
Porque a perdição tá aí  
Entre grandes e pequenos

### **Comentário**

Durante a minha infância, eu tive a oportunidade de estudar com Dona Joana, que foi a primeira professora indígena do povo Xakriabá, com apenas 16 anos de idade, e até hoje permanece nesta luta, com seus 64 anos. Com ela eu pude adquirir muitos conhecimentos que até hoje tenho na memória. Foram ensinamentos adquiridos que hoje repasso também para meus sobrinhos, e outras crianças da comunidade, e espero um dia poder repassar para meus filhos.

Neste momento que tivemos de conversa, ela veio a fazer alguns relatos do seu tempo de infância, falou sobre as brincadeiras, sobre as atividades realizadas em casa para ajudar os pais, sobre como era bom usar a imaginação para criar momentos de alegria, e vemos que é muito diferente da realidade da infância das crianças de hoje. Naquela época ela não tinha muito tempo para brincar, pois havia atividades em que precisava se fazer presente, mas nos momentos em que podia se divertir, usava brinquedos que eram produzidos por ela mesma. Assim como outros entrevistados, ela diz que foi através de algumas brincadeiras que ela veio aprender a fazer muitas coisas, e isso chama atenção, até mesmo pelo fato das crianças dos dias de hoje não terem mais essa criatividade de produzir algo para a sua diversão, já que adquirem seus brinquedos prontos, ou pelo fato de não se interessarem nas práticas que são de costume do nosso povo. Em seu relato ela diz que essa falta de interesse das crianças pode ser de tal forma, até mesmo um incentivo dos próprios pais, que os induzem a buscar os meios mais fáceis de se divertirem, utilizando aquilo que já vem pronto, fazendo suas vontades, e os ensinando a serem dependentes de coisas que já vem prontas, e desobedientes, pois a partir do momento em que fazem seus gostos, eles sabem que possuem uma certa autonomia sobre um mais velho.

Dona Joana é uma anciã que carrega consigo grandes saberes, e cada momento de conversa que temos com ela saímos com uma bagagem ainda maior de conhecimentos, e é muito gratificante saber que o nosso povo tem grandes guerreiros que possuem riquezas em conhecimentos e não medem esforços para nos repassar e nos enriquecer também.

### 2.3. Com a palavra Aldina



Figura 4 - Aldina.

*Meu nome é Aldina, eu tenho 53 anos de idade. Eu perdi a minha mãe eu tava com 7 anos, não tive a oportunidade de estudar, não tive muita diversão, todo dia eu e meu irmão ia ajudar nosso pai na roça. Quando eu tinha 16 anos eu me casei e hoje já tenho 10 filhos, hoje já tenho uma família né, criei meus filhos tudo na base dos braços mais só Antônio. Trabalhava na roça, ninguém conhecia o que era bolsa família, não conhecia nada de dinheiro, o que trazia da roça trocava a troco de outra coisa pra alimentar os meninos, a roça era tão longe e nós trabalhava inteiros di noitinha, aí quando vinha embora trazia as coisas da gente cumê, trazia o jejão, trazia um saco de mi, tudo na cabeça pra fazer uma pamonha, um mingau. Condom chegava da roça já descia direto pro riacho pegar água pra lavar vasilha e fazer di cumê, aí todo dia era assim. Aí né, eu fui arrumando mais filhos, e por um tempo não podia ir na roça trabalhar, quem ia era pai, meu marido e meu irmão. Todo dia eu ia levar almoço pra eles, tinha vez que eu saía pra levar o almoço na roça e deixava os meninos trancados dentro de casa porque não tinha quem olhasse pra mim, e quando eu chegava aí estava tudo deitado imbruiado. Teve uma vez que Nei quebrou um pote, quando eu chegou aí estava aquela cacaiada no meio da casa e aí tudo chorando debaixo da coberta cumê deu bater, mas eu num bati não.*

*Condo meu irmão tinha uns 23 ano ele viajou, e por lá foi atacado por bandidos, que além de levar as coisas dele deixou ele no chão esfaqueado, aí ele voltou pra casa de novo, e depois de uns dias que ele voltou pra casa pai morreu, e meu irmão disse que ia embora de vez, porque o único motivo dele ainda tá ali era por causa de pai, e assim ele fez, foi embora e nunca mais deu notícia. Tô até hoje sem saber se ele tá vivo ou não, eu queria poder ver ele, e poder dá um abraço, porque sinto muita saudade, eu não sei o que fazer, não sei nem se ele tá vivo.*

*Condo eu era pequena, eu não tive muito a oportunidade de brincar igual as crianças tem hoje, mas quando dava eu brincava de boneca, nós fazia umas boneca de sabuco, aí ota vez nós fazia uma boneca de pano, cortava o pano, costurava e fazia a bonequinha, fazia uns quartin, umas casinha na bera dos munturo, tinha umas panelinha que já era de nós brincar merr, aí cortava foia e dizendo que era coisa de cume. Aí otas veiz que eu brincava mais cumade Joaninha, nós fazia umas cozinha e disse que os homi ia pra roça trabalhar, dizia que era juntamento, aí quando ez chegava nós despachava a comida, aí pensava que não, já pegava um bucado de lata e começava a bater, dizia que era o forró. Aí teve uma vez que eu mais cumade Santa brincava de levantar mastro, aí nós pegava um pau e marrava uns pano lá em cima e dizia que era bandeira, aí teve uma vez que eu mais ela levantou o mastro brincando e virou de verdade, o povo inda fez uma festa e todo mundo dançou. Nós juntava, ia cantar roda, aí daí a pouco nós fazia já era uma reza, um artazin, ia sentar e ia rezá. Hoje menina pequena num quer mais brincar nem cum boneca, num sei porque tá tão diferente, que é difícil a gentevê as crianças com influência pra brincar, antigamente os minino brincava cum cavalin de pau, hoje é difícil a gentevê os minino brincando assim, o sentido dezoje é mais é ne televisão e cerular, e naquele tempo num inxistia isso, ninguém conhecia o que era essas coisas, argumas veiz que a gente ainda escutava era radiola, mas hoje também ninguém vê isso marr não, hoje as coisa tá tão fácil que até os pai merr é que põem os fí a perder, só quer saber das compradas, coisa bunita, ninguém sabe inventar mais nada pro minino brincar, tá achando tudo no jeito.*

### **Versos para Aldina**

Quando minha mãe morreu  
Eu era menina de pouco idade  
Eu vi o lado difícil da vida  
Já durante a minha mocidade  
Não tive a oportunidade de estudar  
Não tive muita diversão  
Pois tinha que ajudar meu pai na roça

Junto com meu irmão

Quando eu chegava da roça  
Pro riacho eu descia  
Pegar água pra fazer a janta  
E o almoço do outro dia  
Cuidava da casa e das outra obrigações  
E assim tudo se repetia

Com 16 anos me casei  
E grávida vim a ficar  
Cuidava sozinha dos meu filhos  
Sem ninguém pra me ajudar  
Meu irmão havia viajado  
Meu pai tava sempre cansado  
Pois junto com meu marido  
Viviam a trabalhar

Um dia fui levar o almoço  
E meus filhos em casa tranquei  
Quando fui chegando da roça  
Uma surpresa encontrei  
Tinha caco pra todo lado  
O pote de água tava quebrado  
E com medo de apanhar  
Em silêncio ficaram deitados

Quando eu ia para o riacho  
Todos eles eu levava  
Um do lado um do outro  
Ou pelo braço eu puxava  
E na hora de ir embora  
Era maior complicaçāo  
Uma bacia na cabeça  
Um balde de água na mão  
E subia aquela ladeira  
Com muita preocupação

Quando meu irmão viajou  
Por bandidos foi atacado  
Seus pertences foram perdidos  
E foi também esfaqueado  
Voltou de novo para casa  
Pois não tinha a quem recorrer  
E depois de alguns dias  
Meu pai veio a falecer

Meu irmão novamente foi embora  
E ali naquela hora ele veio a me dizer  
Que aqui não ficaria mais  
Pois já não tinha o nosso pai

Que era o único motivo de ali ele viver

Hoje sinto um aperto no peito  
E uma dor no coração  
Pois há mais de 20 anos  
Eu não vejo o meu irmão  
A saudade é tamanha  
Eu não sei mais o que faço  
Só queria encontrá-lo um dia  
E poder dar um abraço

Intom quando eu era criança  
Eu não tinha muito tempo de brincar  
Pois já foi desde pequena  
Que comecei a trabalhar  
Mas as vezes quando dava  
Algumas brincadeiras inventava  
E nem via o tempo passar

Eu brincava mais cumade Santa  
E cumade Joaninha  
Nóis pegava uns sabuco  
E fazia umas bunequinha  
Pegava umas panela  
que já era de brincar  
Fazia as casinha no munturo  
E começava a cozinar.

Tinha vez que nós brincava  
Que os homi ia trabalhar  
E as muié ficava em casa  
Pro almoço preparar  
Dizia que era juntamento  
E esperava o momento  
Do almoço despachar

Pegava um bucado de lata  
E começava a batucar  
Dizia que era forró  
E ainda fazia era dançar

Uma vez mais cumade Santa  
Inventou outra brincadeira  
Nóis rancou um pau no mato  
Marrou uns pano e dizia  
Que aquela era a bandeira

Nessa brincadeira de levantar o mastro  
Acabou que virou verdade  
E assim se tornou uma tradição  
Em nossa comunidade

Nóis também brincava de roda  
E gostava de cantar  
Pensava que não, fazia um artazim  
E sentava para rezar

Hoje menina pequena  
De boneca num quer mais brincar  
Só incute na televisão  
Ou intom no celular

Não sei por que nos dias de hoje  
Tá tudo tão diferente  
A gente não vê as crianças com influência  
De brincar que nem antigamente

Naquele tempo antigo  
Essas coisas nem existia  
Nóis não ouvia nem falar  
Ninguém aqui conhecia

As veiz nósis escutava  
Ainda era a radiola  
Mas era bem diferente  
Das coisas que tem agora

Hoje as coisa tá tão fácil  
Que até os pai põem os fi a perder  
Só compra as coisas já prontas  
Os fi já pode é escolher  
Só quer coisa bonita  
Ninguém sabe mais inventar  
Já traz tudo no jeito  
Pros meninos poder brincar.

## Comentário

Entrevistar a minha mãe para mim foi motivo de muita alegria, pois havia histórias da sua vida que eu não tinha conhecimento, e através dessa conversa que tivemos é que ela veio a relatar alguns acontecimentos. Ela conta que em seu tempo de criança não tinha muito tempo para brincar, pois havia muitas obrigações que teria que cumprir, uma delas era ajudar seu pai e seu irmão na roça. Quando sobrava algum tempo brincava de boneca de pano que ela mesmo aprendeu a fazer e através desta brincadeira de produzir seus próprios brinquedos foi que ela aprendeu a costurar e fazer suas próprias roupas. Foi também brincando de fazer comidinha que ela aprendeu a fazer comida de verdade, pois não teve ninguém para lhe ensinar, perdeu sua mãe aos 10 anos de idade. Uma fala dela que me deixou muito surpresa foi quando ela disse

que através de uma brincadeira de levantar o mastro se tornou em nossa comunidade uma tradição e agora desde aquele tempo até os dias de hoje se comemora todos os anos o dia de nossa senhora Santana no mês de julho. Por ser mãe de 10 filhos e criá-los sozinha com meu pai em uma época em que não havia os avanços que têm hoje, acredito que tenha sido uma tarefa muito difícil de ter sido realizada, pois tudo o que era utilizado em casa era fruto de muito trabalho e esforço, e produzido com os com as próprias mãos, desde os alimentos aos brinquedos. Foi uma fase de muitos desafios, pois algum tempo depois de se casar perdeu seu pai e então não teve quase ninguém para lhe ajudar a cuidar dos filhos e das outras obrigações, desde muito nova aprendeu sozinha com a vida a ser forte, então digo com grande afirmação que a minha mãe foi e é uma grande guerreira por ter conseguido forças para criar os seus 10 filhos e ainda ajudar o meu pai nas tarefas da roça sem deixar de realizar também as tarefas de casa.

#### **2.4. Com a palavra Pajé Deda**



Figura 5 - pajé Deda.

*Boa tarde, meu nome é José de Araújo Souza, pode me chamar de Deda ou Siré, meu nome indígena é Sirepté. Sou um dos pajés aqui do Xakriabá, e trabalho também no quadro escolar, que é uma tarefa desenvolvida que é chamada de professor de cultura né, mas é um trabalho que ele é dividido. As turma é, uma aula que ela é saberes notáveis, esse trabalho que é mais na prática, a gente trabalha a questão artesanal, trabalha também brinquedos e brincadeiras e aí nesses brinquedos a gente trabalha, é o artesanato né, de palha, madeira, faz os bonecos de madeira. Os bonecos como é de madeira não dá pra trabalhar diretamente nas escola assim, né, mas assim quando é as turma que têm uns que interessa mais fazer algumas coisas assim,*

*a gente procura aproximar aqueles que interessam mais pra aprender, tem muitos que acaba aprendendo também na prática né, porque tem uns que não levam muito ferramentas pra escola pra não ser muito perigoso, pra não machucar, mas aqueles que já vão desenvolvendo, desperta o interesse, aí a gente já traga acompanhado com uma das pessoas que é da aldeia mais de idade para poder fazer os acompanhamento também. A gente pratica algumas brincadeira de antigamente também, a gente faz o joguinho de maia, o jogo de maia a gente faz de rodeira de chinelo, faz também de madeira, né, de madeira de imburana, corta e faz os pino, é uma forma também de repassar também a matemática indígena, é brincando e aprendendo ao mesmo tempo, né. É o jogo de maia é uma forma do Xakriabá, maia que é uma peça uma rodeira de madeira, quem é uma pessoa maior. Para as crianças arruma um material mais leve de imburana, aí pega uma distância dos pino, tem uma certa distância que eles consigam jogar e conseguir jogar e acertar, né, cada ponto, o que vai valer nas pontuação é aquilo que está escrito no pino. Pode jogar em forma de tornei e pode jogar também de duas pessoas, né, é de duas em duas, então uma dupla, e aí a finalização completa para tirar outra dupla é 24 pontos. Vamo supor que o pino, ele é lavrado quadrado, tem o número 6, número 8, número 10 e número 12, e aí é pegado 4 maia para cada pessoa que vai jogar, se for duas dupla, 2 que está do lado de cá e os 2 que vai ficar para jogar primeiro. Enquanto isso os outros 2 que está do outro lado lá, fica aguardando, mas quem vai jogar daqui é um duma dupla e outro da outra contra, não é mesmo que entram do mesmo lado, que fica, por exemplo, os dois que tá do lado de cá. A regra é assim: vamo supor que eu sou a equipe b, é e aí e eu tô desse outro lado de cá, o outro que é da minha equipe b tá lá na frente me esperando pra aquela maia que cair lá, é se eu for jogar lá é ele que vai receber e mesmo assim o outro que tá do outro lado lá, é só vai pegar maia que o outro jogar. Aí vai contando as pontuação, é cada maia que ela não esteja com numeração nenhuma, mas se ela cair mais perto ela vai conseguir cortar dois ponto, a gente costuma falar certo dois ponto, porque caiu mais perto do pino, e aí às vezes faz alguma diferencinha nas maia pra não misturar, faz qualquer um detalhe ali, né, um ribitãozinho, deixa um cantin maior um pouquin, outro faz um furin pra diferenciar umas mais lisa outro mais furado, com uns furin, coloca quatro furin pra identificar de que equipe que é, aí quando completar 24 pontos já tira aquela outra que tem menos, aí quem ganhar tem uma premiação. Se for no quadro escolar tem vez que faz uns zoto brinquedo, faz uns carrin de madeira, né, faz é boneco de pano, faz qualquer uma outra atividade ali, né, pra fazer um brinquedo e entregar de lembrança, tem uns que entregam colar com posseira, um penacho, um brinco de pena, ali é uma premiação que, que vai ser a premiação daquelas brinquedera.*

*Os brinquedo que eu aprendi teve uns que eu aprendi cum meus ti. Então Teve uns que vei mais no pensamento assim, de acordo a gente já tinha visto alguns modelos, né, e aí foi despertando de acordo aquilo que a gente tinha visto. É, tem os bonequin que a gente fazia ele de madeira de imburana, colocava umas duas trevessa, aí furava é os bracinhos as mãozinha deles e cruza umas linha pra ficar pulando, isso não é difícil fazer não, aí ensinava os minino fazer, e de peça mesmo de brinquedo, eu sempre costumei fazer mais foi de peça de madeira pinhão, é a gente fazia, ensinava os minino jogar, aí fazia os treinamento, né, aí depois para ver quem conseguia jogar ele mais tempo. Até hoje se for pra gente fazer isso aí a gente ainda faz né, e aí fazia também os piu prapiar, piuzin de madeira, as flautinha pra tocar. Quando eu comecei a desenvolver os brinquedo foi de 7 ano pra frente, agora eu faço menos, depois que eu, é, aprendi por exemplo, é trabalhar, o artesanato no quadro escolar, o tempo ficou mais acelerado pra mim fazer e deixar uma quantidade deixar pras crianças brincar. As veiz tem hora que a gente já pega os materiais, já produz lá na escola, e aí tem uns que a gente já vai fazendo o sorteio também, aí cada um vai levando pra casa, aí pega pra fazer mais uns, por exemplo, fazer os carros de gancho que servia tanto para criançada brincar e fazia também para poder pegar agua, né, naquele tempo a água aqui para nós era pegada era nos riacho, pegava o carrin de gancho, arrumava uma travessinha, aí amarrava uma corda, ponhava uma travessinha, falava que era o volante, né, mas é de gancho mesmo assim, fazia mais fina que um cabo de inchada. Aí, por exemplo, um gancho da grossura de um cabo de inchada já aguenta uns 5 litros da água, 10, aí ponhava umas rodeira, quando nós num achava oto material nós pegava ele e fazia de que era mais fácil fazer, né, de borracha de sapato, borracha de chinelo, aí ficava mais fácil, aí quando nós aprendeu cortar com um facão nós já tirava de outras madeiras pra fazer, de imburana, naquele tempo o recurso quase num gerava assim, aí nós trocava ne outras coisas, é por exemplo tem hora que nós fazia os carrim de gancho, aí trocava num bodoque, outra hora quando a gente faz um bodoque, já trocava ele numa estilinga, que era as estilinga pra nós era diferente, os mais vei ensinava nós fazer a gangorra, e aí tinha as pessoas que era dos mais de idade assim, já tava já de 12 ano pra frente, e cortava as madeira pra fazer, pegava os machado até escondido, fazia um bugado de dente, nós cortava as madeira pra poder lapidar ela. Antes aqui nós fazia era bolas com aquelas meias, era a bola com sacola de plástico, saquin de macarrão, outros pegava o leite de plantas, ponham nas folhas ou então outros ponham nas cabacinha pequeninha, pingava o leite da mangaba, e aí depois que pingava ia cobrindo nela, até dar uma cobertura, quando cobria todinha ponhava pra secar, depois que ela secava quebrava aquela cabaça aí ficava a bola por fora. É o pessoal começou a trazer outras bolas diferentes lá da cidade, né, e aí o pessoal começou a deixar de fazer suas outras*

*bola, e logo seguida já vei as televisão e quando o pessoal já começou assistir outros brinquedos que via pela televisão, aí o pessoal parou muitas atividades assim deixando de fazer, os carrim pra puxar essa areia, né, as carriolinha que nós fazia, de madeirinha, cabou, num fazemo mais. Aí o menino fica no pé da televisão, numa cadeira ou um sofá, e fica aí, eu quero tal desenho, já sabe es todin, né, mas antes era muito diferente, assim, a forma das crianças brincar, aí um brinquedo que fazia pros menino, aquez premero, era bem conservado, por exemplo, cortava um sabuco de mi, e fazia uma roderinha pra fazer uns carrin pequenin, colocava só umas trevessinha e colocava uns ganchin, aquele dali ó, ficava conservado era meis, brincava, já tinha o lugarzin certin pra guardar, né, nem que brincava, ponhava de baixo dos pés de pau lá, lugarzin já conservado ali.*

### **Versos para o Deda**

Meu nome é José de Araújo Souza  
Mas de Siré pode me chamar  
Trabalho como professor de cultura  
Aqui no quadro escolar  
E também sou um dos pajés  
No território Xakriabá

No quadro escolar a gente trabalha  
As questões artesanais  
Artesanatos de barro e de madeira  
E brincadeiras tradicionais  
Para que nossas práticas culturais  
Estejam sempre presentes  
Trazendo de volta as tradições  
Praticadas antigamente

Fazemos o jogo de malha  
Que é uma forma de brincar  
E também de se aprender  
A matemática Xakriabá

Este jogo de malha  
É produzido da seguinte maneira  
Com rodas feitas de chinelo  
Ou rodas feitas de madeira

Os pinos são produzidos  
De maneira mais quadrada  
E a madeira da imburana  
Se torna a mais adequada

Pois é um material leve  
E melhor de se manusear  
Facilitando para as crianças  
No momento de brincar

Se deve pegar uma distância  
E lançar na direção  
Os números escritos no pino  
Equivalem a pontuação.

Este jogo pode ser em dupla  
Depende de quem organizar  
Vence aquele que conseguir  
Maior número de pontos alcançar

Nós vai fazendo alguns badoques  
Que é os prêmios de quem vai ganhando  
E é também um incentivo  
Pra cada vez mais ir praticando

Alguns ganham artesanatos  
São colares brincos e pulseiras  
Porque era aquilo a premiação  
Para aquelas brincadeiras

Os brinquedos que aprendi fazer  
Era meus ti que me ensinava  
Outros eu mesmo que fui imaginando  
E naquele momento eu criava

Muitos brinquedos eu aprendi  
Através de alguns ensinamentos  
Outros eu mesmo quem criei  
Através do pensamento

Com a madeira da imburana  
Uns bunequin nós inventava  
Furava suas mãozinhas e cruzava uma linha  
E assim eles pulava

Eu ensinava os meninos  
A produzir alguns pinhão  
E nós ficava praticando  
Pra fazer competição

Comecei a desenvolver os brinquedos  
Eu tinha 7 anos de idade  
Os materiais que usava  
Encontrava na própria comunidade

Agora eu produzo bem menos  
Depois que comecei a trabalhar  
Então eu levo as questões artesanais  
Para o quadro escolar

A gente fazia uns cabo de gancho  
Pra criançada brincar  
E este mesmo brinquedo  
Eles usavam pra trabalhar

Pegava o carrim de gancho  
E ali naquele instante  
Amarava umas travessinha  
E dizia que era volante

Com este carrinho se divertia  
E ficavam muito contente  
Pois era também utilizado  
Pra pegar água nas nascentes

Aí nós pegava um gancho  
Da grossura de um cabo de inchada  
Que ali já aguentava  
De 5 a 10 litros de água

Naquele tempo os recursos  
Pra nós quase não gerava  
Aí fazia uns badoque  
E ne outras coisas nós trocava

Nós aprendeu a fazer gangorra  
Que os mais vêí ensinou a gente  
Quem cortava com os machado  
Era os que tinha de 12 anos pra frente

As bola que nós brincava  
Era de meias que não prestava  
Ou então fazia de folhas  
E pingava o leite da mangaba

Ai depois que pingava  
Botava ela pra secar  
E depois de um tempinho  
Tava pronta pra jogar

Depois o povo foi trazendo  
Umas bola diferente  
E deixando um pouco de lado  
Umas práticas de antigamente

As crianças já começaram  
A assistir os desenhos na tv  
E muitas brincadeiras e brinquedos  
Nem chegaram a conhecer

## **Comentário**

O nosso pajé Deda é um guerreiro ainda jovem que vem se dedicando cada dia mais em cuidar do nosso povo, sendo também um artesão talentoso e de grandes conhecimentos, atua como professor de cultura na escola bukimujú, é um guerreiro muito importante no núcleo escolar e em todo território Xakriabá. Através dos seus conhecimentos tradicionais traz para os jovens,

crianças e outros mais velhos a cura do corpo e espírito, é uma pessoa bastante respeitada e muito importante no território. Sempre se fez presente na luta pelos nossos direitos, repassando seus conhecimentos, nos fortalecendo através das suas orações e ensinamentos.

Ao entrevistar o nosso pajé, ele falou sobre algumas brincadeiras e brinquedos, que praticava em sua infância e que hoje já não são tão comuns de se ver no território, ele relata que antigamente produzia brinquedos com mais frequência, que eram usados para brincar e também eram utilizados como ferramenta de trabalho. Nos dias de hoje já não é bem assim, as crianças já não demonstram mais aquele interesse por aquelas coisas que são voltadas para nosso povo, pois mesmo que não queiramos, a civilização cada dia se faz mais presente em nosso meio, e consequentemente, nossos jovens e crianças fazem parte desse processo descobrimento de novas coisas.

## 2.5. Com a palavra Eikon



Figura 6 - Eikon.

*Meu nome é Eikon Mota ne, tenho 11 anos de idade, eu moro na aldeia Prata, sou indígena Xakriabá. É, os primeiros brinquedos e brincadeiras, eu acho muito importante aprender as brincadeiras que os nossos mais velhos faziam antigamente, eu aprendi muitas brincadeiras*

*que, pra nós que é indígena e vive diferente daqueles que mora na cidade, tem muito valor e importância, porque pai fala que os costume nosso, nos fortalece quando praticamos, aí eu acho que as brincadeiras também é assim. É... as brincadeiras que eu brinco mais meus primos e meus irmãos, né, é o arco flecha, nós mesmo que faz porque pai ensinou, corrida do maracá, tem vez que pode usar maracá não, ai nós usa copo, chinelo no lugar do maracá, mas é bom do mesmo jeito, né. Derruba toco, nós estilinga bastante, de vez em quando ainda acha um bichin pra comer, uma juritinha, né, nesses mato aí. Nós usa estilinga, mas também usa badoque, soque com badoque é mais difícil. Nós tem uns cavalo aqui num, no curral de vó, mas não é cavalo de verdade não, é cavalo de pau, eles tudo tem um nome, tem o Jhoi, Pé de Pano, Morena e Canela de Sabiá, de vez em quando nós dá umas corridinha neles. Eu também acho muito importante as brincadeiras que nossos pais ensina, as brincadeiras de antigamente, né, porque eles fala que não tinha celular, num tinha televisão, mas tinha muitos amigos pra brincar e aprontar um monte de coisa, porque naquele tempo, né, também as pessoas não eram muito ruim, era todo mundo amigo do outro, eles brincava de fazer boim de barro, carrim de madeira, eu já aprendi foi cedo fazer carrim de papelão, com roda de sandaia, carrim de caixa de leite. Eu também sei fazer arapuca, teve uns tempos bom aí, que eu mais os meninos pegava era mais de duas juriti no dia, eu sei fazer panela de barro, boin, eu fiz mais os meninos um bucano de boin de abacate. No terreiro de vó tem coisa que além de dar pra nós comer dá pra nós brincar também, os abacate que peca com o sol, porque tá muito quente agora, aí nós pega os que não presta, os que cai no chão, aí coloca uns pauzin pra dizer que é os chifre. Tem os artesanatos também que eu aprendi fazer, foi o badoque, né, que nós usa pra brincar, mas também os mais velhos usava pra caçar bicho pra comer, né, e o arqui flecha também, as pessoas de antigamente usava pra caçar, mas hoje não tem mais animais pra nós comer. Eu sei fazer maracá também, só num sai muito bunito, tem a lança, essas coisas tudo é muito importante nós aprender fazer, né, porque um bucano dos mais véri tão morrendo, e se nós não aprender agora com eles, nós vai aprender com quem? Aí vai acabar que essas sabedoria vai tudo embora com eles também, por isso que é bom a gente prestar atenção nas coisas que os mais véri fala e faz. Eu também trabalho na roça né, pranto mi, feijão, roço o mato, mas agora não tá muito bom não, porque não choveu um bando, aí as roças não deu. Eu dou água os animais do meu avô, eu gosto muito de ajudar ele, porque ele ensina pra nós um bucano de coisa, quando tá trabalhando já começa contar umas historias, né, e também sempre que a gente tá na casa dele nós come também das coisas que tem lá, é muito bom ter vó e vó pra ensinar as coisa pra gente. Eu vou buscar lenha na roça mais Evim, Aike e Darlin, nós vai de cavalo e traz a lenha no jegue, e nois vem conversando e pilotando nos passarin. Ajudo mae*

*em casa, faço muitas coisas, porque além de eu brincar eu também trabalho, porque nós não tem que aprender só brincar, tem que saber trabalhar também, eu acho muito bom quando o pai da gente ensina fazer os brinquedo, ao invés deles gastar com dinheiro comprando na cidade, eles gasta com comida, né, porque os velhos fala que o tempo tá diferente de antigamente, aí acaba que os alimentos que a gente planta num dá, por isso que é bom a gente prestar atenção nisso e ajudar nossos pais.*

## **VERSOS PARA EIKOM**

Um pouco das brincadeiras  
Eu agora quero falar  
Sou Eikom Fernandes  
Indígena Xakriabá

Tenho 14 anos de idade  
Na aldeia morei e cresci  
E algumas brincadeiras antigas  
Com meus pais eu aprendi

Para nós que vivemos diferente  
E moramos em comunidade  
É importante produzir os próprios brinquedos  
E não os comprar na cidade

O meu pai sempre me fala  
Algo que ele não esquece  
Que ao praticarmos nossos costumes  
O nosso espírito se fortalece

Com meus irmão e meus primos  
Eu gosto muito de brincar  
Nóis faz o derruba toco  
Boi de barro e corrida do maracá

As vezes o nosso maracá  
Ele não pode ser usado  
Por ter uma grande ciência  
Se torna algo sagrado

Nóis aqui brinca bastante  
De tudo nós faz um pouco  
Corrida de cavalo, estilingue  
Badoque e derruba toco

Nóis gosta de estilingar  
Mais agora não tem muito passarim  
De vez enquando ainda acha  
Umas rulinha e juriti

Aqui tem uns cavalo bom  
Que nós gosta muito de andar  
É Jhoi, Pé de Pano  
Morena e Canela de Sabiá

Eu acho muito importante  
As coisas que são antigas  
Pois não tinha tecnologia  
E as pessoas eram mais unidas

Meu pai sempre me fala  
Que tinha muitos amigos pra brincar  
Pois para eles naquela época  
Não havia nem televisão nem celular

Eu gosto de fazer arapuca  
Quando amanhece eu já corria  
Quando os tempos eram bons  
Pegava umas três juriti no dia

Nóis gosta de inventar brinquedo  
Até boi de abacate nós fazia  
Os que não prestava pegava pra brincar  
E os que era bom nós comia

No terreiro dos meus avós  
Tem muitos frutos pra nos alimentar  
E aqueles que não estão bons  
A gente pega pra brincar

O sol está ficando mais quente  
E isso acaba prejudicando  
Por causa da forte quentura  
As frutas acabam pecando

Tem muitas brincadeiras  
Que nós faz aí pros matos  
E eu também já aprendi  
A fazer alguns artesanatos

Eu sei fazer badoque  
Mas é bem difícil de usar  
Antigamente usavam durante a caça  
Para poder se alimentar

Hoje não tem tantos animais assim  
Pra gente usar na alimentação  
Os bicho tão tudo sumindo  
Por causa da destruição

Devemos sempre ir atrás  
E relembrar desses momentos  
Os mais velhos estão partindo  
E levando muitos conhecimentos

Eu também trabalho na roça  
Junto com pai, meu avô e meu irmão  
Nois planta o milho, abóbora  
Melancia e feijão

Sá que agora não tá muito bom  
Porque a chuva tá pouca demais  
Aí é ruim pra plantar roça  
E os alimentos quase não sai

Eu cuido das criações do meu avô  
Eu gosto muito de ajudar  
Sempre que nós tá trabalhando  
Ele tem muitas histórias pra contar

É muito bom ter os avós  
Que mora perto da gente  
No mesmo tempo que trabalhamos  
Muita coisa a gente aprende

Eu vou pegar lenha na roça  
Mais Aiki, Evin e Darlin  
E na volta que é bom  
Vem pilotando nos passarim

Eu ajudo minha mãe em casa  
Porque não pode aprender só brincar  
Também é muito importante  
Crescer sabendo trabalhar

Meu pai me ensina a fazer brinquedos  
Isso é muito importante na minha idade  
É melhor que gastar dinheiro  
Comprando brinquedos na cidade

Os mais velhos sempre falam  
Que o tempo na tá igual antigamente  
Então é importante prestar atenção  
No que eles ensinam pra gente

## **Comentário**

O meu entrevistado mais novo foi o meu sobrinho Eikom, que mostrou que apesar da sua pouca idade já carrega consigo uma grande bagagem de conhecimentos. Ele tem um grande interesse em buscar ainda mais informações sobre nossas histórias, nossos costumes e nossa luta, e desde

criança está aprendendo a ser um grande guerreiro que quando se tornar adulto terá muitos ensinamentos para repassar para seus filhos e outros. Acredito que seja de grande importância uma de suas falas, que é onde ele cita que ajuda seu pai e seu avô na roça, e que os tempos estão mudados, pois nem tudo que se planta nasce, então vejo que ele sendo uma criança, já tem em mente como eram os tempos de antigamente e os tempos atuais, desde as formas de brincar, até as tarefas que os filhos ajudavam os pais.

### **3. AS BRINCADEIRAS E BRINQUEDOS XAKRIABÁ**

#### **Brincar de casinha e cozinhado**

As crianças, meninos e meninas, primeiro escolhem um local normalmente espaçoso embaixo de árvores, para construir as casinhas, os materiais que são utilizados para cobrir a parte de cima, e também as laterais, são galhos, folhas pedaços de pano e papelão. As crianças que têm entre 11 e 12 anos constroem um fogãozinho de pedras ou tijolos feitos de barro, produzidos pelas pessoas da aldeia, colocam a lenha no fogão e acendem o fogo, e levam alguns alimentos como arroz, feijão, andu e outros, para cozinhar de verdade e quando está pronto, servem para os meninos que dizem ser seus maridos que estavam na roça. Algumas crianças que são ainda muito novas e não têm o domínio de mexer com o fogo, brincam de fazer comidinha de mentira, usando folhas, sementes e frutos.



Figura 7 - Criança brincando de cozinhadinho no quintal de casa.

O horário de brincar é de 6 às 12 horas da manhã. Normalmente quando se brinca de casinha e cozinhadinho as meninas e os meninos costumam brincar de fazer casamento de mentira, onde escolhem um menino para ser o noivo e a menina para ser a noiva, e outro menino para ser o padre, e os companheiros são aquelas outras crianças que estão ali presentes. O local onde é realizado o casamento é debaixo de árvores, todos vão até o local do casamento andando a pé, ao terminar o casamento todos voltam para o local onde as meninas estão fazendo o almoço. Ao terminar de almoçar os meninos procuram latas velhas e começam a bater fazendo o forró de mentirinha.

### **Brincar de cavalo de pau**

O brinquedo cavalo de pau, pode brincar somente uma pessoa ou mais. Esta brincadeira é mais praticada pelos meninos, mas às vezes as meninas também participam, normalmente é brincado por crianças de quatro a nove anos. O cavalo de pau é feito com um pedaço de madeira tem que fazer bem fino para que a criança consiga brincar à vontade, essa madeira é retirada da própria natureza. Neste pau é amarrado um pedaço pequeno de corda fina para que a criança consiga segurar. A criança monta no pedaço de pau e sai correndo como se fosse um cavalo de verdade. Essa brincadeira pode ser realizada em locais que seja adequado para poder correr, as crianças costumam brincar mais é nos quintais das suas casas. Horário mais adequado para brincar é de manhã e à tarde.



Figura 8 - Criança pequena brincando de cavalo de pau.

## **Brincar de gangorra**

A gangorra é um brinquedo feito de madeira. Para fabricar é preciso cortar um “torno” de madeira (pedaço de madeira com a ponta afinada) – também pode ser utilizado o varão de currais. Depois prega esse varão e coloque no meio para começar a brincar. Esta brincadeira pode ser praticada com quatro pessoas, onde dois sentam em uma ponta e dois na outra e começam a balançar para cima e para baixo. Os horários adequados para realizar esta brincadeira são de manhã e à tarde.



Figura 9 - Gangorra de madeira.

## **Estilingue**

O Estilingue pode ser usado por meninos com idade de 7 a 15 anos. Para a construção do estilingue é preciso cortar um pau fino em forma de um gancho e vai cortando ele até ficar no tamanho ideal para o estilingue ficar pronto, depois pegue um soro (borracha de garrote) próprio para estilingue (um tipo de elástico), ou coro de bola e amarre com pedaços de ligas, espécies de borrachas cortadas bem finas. O local que as crianças vão pilotar (brincadeira de pontaria, que consiste em disparar objetos em um alvo) é nas matas, pode ser de manhã e de tarde.



Figura 10 - Estilingue.

## Boneca de pano

Para construção da boneca de pano é preciso cortar um pedaço de pano com uma tesoura em forma de uma pessoa, e depois vai costurando e deixa um buraco pequeno para poder encher com pedaços de pano que são cortados ou até mesmo com espumas, depois a pessoa que faz a boneca terá que fazer os olhos com botões de roupas e a boca é feita com linhas. A pessoa vai costurando e na cabeça são colocadas linhas mais grossas da cor que vai ser o cabelo. Quando é construída a boneca, também é feita a roupa dela. Somente as mulheres adultas fazem as bonecas para suas filhas brincarem, porque elas não têm condições de comprar, assim elas mesmas fazem. As meninas brincam qualquer hora do dia.



Figura 11 - Bonecas de pano.

### **Boi de barro**

O boi de barro é um brinquedo que antigamente era feito pelas crianças, principalmente pelos meninos. O boi de barro era feito da seguinte maneira: Primeiro os meninos iam até o lugar chamado barreiro ou até uma barragem para retirar o barro. Depois iam modelando o barro até ficar em formato de um boi. Após o boi ficar pronto era preciso colocá-lo para secar no sol ou até mesmo na sombra, e aí era só brincar. As vezes tinha alguns que ainda colocava para queimar outros brincavam assim mesmo sem queimá-lo. Hoje muitas pessoas utilizam o boi de barro como um enfeite em casa.





Figura 12 - Brincando de bois de barro.

## Bodoque

Para fazer o bodoque é necessário ter os seguintes materiais: Um pedaço de madeira do pau pereiro, um pedaço de barbante, dois talos da madeira do fedegoso, uma corda ou um pequeno pedaço de barbante e um facão. O tamanho do bodoque é a criança que decide qual é o tamanho que ela deseja. Reserve uma parte no meio da madeira e lavre os dois lados em direção as pontas em tamanho menor que a madeira, enganche um lado do cordão em uma ponta do pau pereiro, isolando a madeira formando um arco, e enganche novamente a outra ponta do cordão. Depois enrole uma linha, ou seja, um pedaço de barbante em cruz dos dois lados, em direção à ponta, para que o cordão não grude uma parte na outra, e assim está pronto o bodoque. Esse brinquedo normalmente é construído e utilizado pelos meninos.



Figura 13 - Retirada de madeira para produção de bodoque.



Figura 14 - Preparação do bodoque.



Figura 15 - Bodoque pronto.

## Jogo de malha

A malha é feita de madeira no formato redondo, e se utiliza dois pinos numerados, com números pares, com 4, 6, 8 e 12. É um jogo que se pode jogar um contra um, dupla e até mesmo em grupo, depende da quantidade de malhas que têm. Faz um círculo ao redor de cada pino, e cada jogador joga uma vez. Ganhá aquele que derrubar o pino com maior pontuação.



Figura 16 - Jogo de malha.

## **Corrida do maracá**

Na corrida do maracá montamos duas equipes com a mesma quantidade de pessoas. As equipes têm que ficar em fila um na frente do outro, a primeira pessoa da frente das duas equipes fica com um maracá na mão. Essas pessoas vão ter que percorrer um percurso determinado, fazer a volta por um marco correndo com o maracá e entregar para a outra pessoa de sua equipe. Ganhá a equipe que termina o percurso primeiro.



Figura 17 - Corrida do maracá.

## Derruba toco

A modalidade do derruba toco é um confronto entre duas pessoas. Para brincar fazemos um círculo grande e utilizamos um objeto no centro deste círculo, podendo ser uma garrafa pet com água ou com areia. As duas pessoas que estão se enfrentando devem fazer o possível para que seu adversário derrube o objeto que está centralizado no meio do círculo. As regras são: não agredir o oponente com socos, pesadas ou algo do tipo, podendo segurar somente da cintura pra baixo, caso se agarre a outra parte do corpo (pescoço, braço) ou saia do círculo no momento da luta, o momento da disputa é paralisado, e começa a disputa novamente, vence aquele que não derrubar o objeto.





Figura 18 - Derruba toco.

### Cantigas de roda

A cantiga de roda, é um o momento em que as crianças, ou jovens e até mesmo os mais velhos, se reúnem embaixo de uma árvore, formam um círculo, dão as mãos e começam a cantar músicas tradicionais e outras músicas animadas. É também um momento em que se joga losas e interagimos através das rimas.



Figura 19 - Cantigas de roda.

## **Outras brincadeiras**

Foram encontradas outras ações, brincadeiras e brinquedos que aqui relaciono:

- Sinuca (mesa confeccionada pelas crianças)
- Contação de histórias ao redor da fogueira
- Futebol com limão
- Cabo de guerra
- Corrida do pula saco
- Carrinho utilizando rodeiras de sandália
- Carrinhos feitos de papelão
- Bonecos feitos de barro
- Bonecas tradicionais de sabugo de milho e madeira
- Momento de plantio de roça junto com os mais velhos
- Arremesso de lança
- Fazendinha de abacate
- Arapucas
- bolotas para pilotar



Figura 20 - Sinuca que as próprias crianças criaram.



Figura 21 - Contação de histórias ao redor da fogueira.



Figura 22 - Futebol com limão.



Figura 23 - Cabo de guerra.



Figura 24 - Corrida do pula saco.



Figura 25 - Carrinho.



Figura 26 - Produção do carrinho utilizando rodeiras de sandália.



Figura 27 - Carrinhos feitos de papelão.



Figura 28 - Bonecos feitos de barro.



Figura 29 - Bonecas tradicionais de sabugo de milho e madeira.



Figura 30 - Momento de plantio de roça junto com os mais velhos.



Figura 31 - Arremesso de lança.



Figura 32 - Fazendinha de abacate.



Figura 33 - Armando arapuca.



Figura 34 - Preparando bolotas para pilotar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Através de conversas com alguns mais velhos da minha comunidade e de comunidades vizinhas, foi possível que eu aprendesse um pouco mais sobre os tempos de antigamente. Durante aquele momento de conversa eles fizeram alguns relatos sobre como foi aquela sua fase de ser criança, onde tudo era totalmente diferente dos dias atuais, e alguns nem sequer tiveram a oportunidade de irem à escola, pois mesmo que fossem crianças, tinham o dever de ajudar os pais na roça e nas atividades de casa. Outros que puderam frequentar o ambiente escolar, foram somente até certo período, muita das vezes porque a escola tinha somente até determinada série. Durante suas falas eles relataram que não tinham tanto tempo livre para brincarem, mas quando isso acontecia os brinquedos utilizados eram produzidos por eles próprios ou pelos pais, com materiais que eram encontrados na própria aldeia. É importante refletirmos sobre isso, que através destes momentos de infância – tanto em relação ao trabalho quanto às brincadeiras – que contribuíram para que eles se tornassem pessoas de grandes conhecimentos. Muitos daqueles que não tiveram a oportunidade de estudar são capazes de nos repassar grandes ensinamentos, que dentro de quatro paredes não seria possível aprendermos, pois são saberes que foram adquiridos por meio da observação e da escuta nos momento em que ajudavam os pais na roça e em momentos de caça ou pesca. Muitos outros conhecimentos também foram adquiridos nos momentos em que se sentavam ao redor de uma fogueira, para ouvir as histórias contadas pelos mais velhos, e essa foi uma prática de se aprender e repassar os conhecimentos que durou muitos anos.

Muitos dos mais velhos se emocionam ao relembrar a sua infância, pois relatam momentos de dificuldades que foram vivenciados e também momentos de felicidades que tiveram com pessoas que já não estão mais presentes fisicamente no meio de nós. A todo momento os nossos mais velhos faziam comparações do modo que se vive hoje, com modo que se vivia antigamente, uma época em que os filhos atendiam mais aos pedidos dos pais sem fazer qualquer tipo de questionamento, não tinham a voz ativa com eles e os brinquedos, ou qualquer outro presente que recebiam dos pais, eram utilizados e guardados com muito carinho e cuidado, pois tinha um valor simbólico para cada um deles porque cada simples objeto continha em si uma história. Muitos dos nossos ainda guardam algum brinquedo, artesanato e também suas memórias, pois aquilo é tudo que os resta de recordação de alguma pessoa, de um momento de

felicidade ou aprendizagem que tiveram, em uma época em que as coisas eram difíceis, mas tudo que se aprendia era de grande valor.

Acredito que seja um assunto um pouco delicado, se tratando de fazer uma comparação da infância das crianças de antigamente com a infância das crianças dos dias atuais, pois logo à primeira vista já nos deparamos com crianças já têm um certo nível de conhecimentos tecnológicos e que não conseguem se interessar pelos conhecimentos tradicionais, ocasionando o adormecimento de muitos dos nossos costumes e tradições. Isso a cada dia vem se tornando mais presente em nosso meio, mas também é uma situação em que não podemos culpá-los, pois mesmo que queiramos, não é possível impedir que os avanços sociais e tecnológicos cheguem até nos, pois de acordo com a evolução das coisas, somos forçados a evoluir juntos, nos adaptando cada vez mais aos modos de vivência dos não indígenas, criando uma certa necessidade e dependência daquilo que os nossos mais velhos conseguiram viver sem.

Uma das minhas principais preocupações é relacionada à rapidez que as informações chegam até nossas crianças e jovens, e que muitas das vezes aquele conhecimento que está sendo adquirido não é ideal para a criança de certa idade e não irá contribuir para o enriquecimento de seus saberes tradicionais, pois se tratando de tecnologia, ela de tal forma ocasiona um trancamento na memória deles, que os impede de ir em busca de conhecimentos sobre o próprio povo.

Atualmente vemos e podemos afirmar que a fase de infância de antigamente teve maior produtividade, se tratando de adquirir conhecimentos tradicionais, pois viveram em uma época, onde não havia grandes avanços, e nota-se que nos dias atuais muitas das crianças encontram praticamente tudo ao seu alcance, sem que haja algum tipo de preocupação em produzir tal brinquedo, ou criar alguma brincadeira usando a própria imaginação, e muitas das vezes isso vem ocorrendo, devido a terem outras distrações, por exemplo os celulares, televisões. Essa situação acaba sendo uma realidade que deveria ser melhor refletida pelos pais, se realmente é o momento de deixar que os filhos explorem as coisas do mundo lá de fora, em uma fase que devia explorar e tomar conhecimento das riquezas naturais que estão a seus arredores, proporcionando a eles uma infância e um crescimento saudável de muito mais produtividade e possibilidades de desenvolvimento de suas habilidades, além de promover a valorização da cultura e proporcionar momentos de diversão e aprendizagem.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

SANTOS, Eliane Araujo; SILVA, Valdineia Moreira. **Brincadeiras e brinquedos antigos e atuais xakriabá.** Trabalho de conclusão de curso apresentado à Formação Intercultural de Educadores Indígenas da Faculdade de Educação da UFMG. Belo Horizonte: 2016.

SANTOS, Laura Caetano dos. **Extrativismo, agricultura e construção:** a diversidade dos solos da aldeia prata. Trabalho de conclusão de curso apresentado à Formação Intercultural de Educadores Indígenas da Faculdade de Educação da UFMG. Belo Horizonte: 2019.